Concrete Architecture - Notes on a present approach

Diogo Veiga¹; Helder Casal Ribeiro²

¹ Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

² Assistant Professor Faup; Researcher CEAU - FAUP Group Atlas da Casa - Identidade e Transferência

O presente artigo aborda a metodologia adoptada pelo atelier de projecto *Concrete Architecture*, leccionado pelos arquitectos suíços Lorenzo Giuliani e Christian Hönger na EPFL. É objectivo deste artigo reflectir sobre a abordagem posta em prática por este atelier num contexto académico, e avaliar a pertinência dos temas de desenho propostos como conceitos para o desenvolvimento de um projecto de arquitectura.

Este atelier, influenciado tematicamente pela experiência pessoal e profissional dos arquitectos que o leccionam, apresenta-se sobre o modelo de um *laboratório* de autor. Para esta condição contribuem um procedimento experimental e dedicado à investigação, assim como os temas de desenho que os docentes transportam da prática profissional para a prática pedagógica. O processo de trabalho de giuliani.hönger encerra o tema do espaço excepcional como elemento catalisador da proposta. O espaço interior proporciona uma multiplicidade de pontos de vista e complexidade de movimentos que, quando percebidos numa relação *espaço-tempo*, evocam uma dimensão que apela fortemente aos sentidos.

A posição adoptada por esta dupla de arquitectos manifesta uma clara convicção: a importância da compreensão da disciplina da arquitectura através do desenho e dos seus fundamentos. Por aqui se depreenderá que a metodologia de ensino deste atelier seja determinada por um *corpus transdisciplinar* que define o exercício do projecto como um lugar de convergência, onde as fronteiras entre as várias disciplinas - sejam estas de natureza técnica ou teórica -, se diluem na procura de uma mesma ideia. Assim, como princípio ordenador traça-se uma *matriz de múltiplas entradas*, que encontra no ensino a possibilidade para investigar e desenvolver hipóteses.

A problemática instituída pelo atelier relaciona-se com a concepção do espaço e a interdependência entre desenho e construção associada a um material específico – betão. O estudo deste material prende-se com duas das suas características: a potencialidade estrutural de expressão regular ou escultórica, e a vocação sensorial para a caracterização do espaço. Este fascínio pela matéria tangível da arquitectura confere um inesperado? interesse à discussão entre técnica e artisticidade: a intencionalidade do desenho na transmissão de uma ideia não parte só da técnica ou da construção, mas também da ideia do espaço e do instinto pela qualidade poética.

Conscientes da diversidade dos intervenientes vinculados ao acto de projectar, giuliani.hönger encaram o exercício do projecto como ocasião para percorrer determinados temas que, na sua perspectiva, validam a concepção e construção do campo da arquitectura. Poderíamos, então, dizer que os temas seleccionados funcionam como coordenadas que operam perante os problemas identificados, e que são, ao mesmo tempo, interpretados como conceitos instrumentais do projecto. Isto é, ferramentas que permitem estabelecer princípios arquitectónicos, e “*que argumentam e validam o desenho como um modo de pensar que permite a interpretação do meio físico*” (M.Mendes).

No entender de giuliani.hönger, “*espaço, estrutura e material*” fundam uma referência triádica para a concepção arquitectónica. A procura de uma unidade coerente e harmónica, propõe uma interdependência entre os elementos, o que sugere a interpretação da arquitectura como expressão plástica de um sistema.

A presença desta lógica interna ao processo criativo relaciona ainda a postura arquitectónica do atelier com os princípios enunciados pelo movimento artístico *Concrete Art*. À luz deste movimento, a concepção artística é interpretada como a construção de uma forma inteligível “*que se rege através das suas próprias leis*” (Max Bill). Para giuliani.hönger a arquitectura é entendida como uma linguagem dotada de uma sintaxe; cabe-lhe então definir relações entre todos os elementos que colaboram para uma arquitectura interpretada como um sistema.

Após a Segunda Guerra Mundial, Le Corbusier avançou a hipótese de relações “*texturadas*” entre os elementos construídos de um edifício. Esta classificação não se referia estritamente à construção, mas a um modo de dimensionamento dos elementos. Segundo este: “*a aplicação sistemática das medidas harmónicas do Modulor cria um estado de agregação unitária, que podemos qualificar de “textural” (de textura).*”

Se para Le Corbusier a harmonia na arquitectura se estabelecia através da medida, os mentores do atelier reconhecem no material betão a mesma capacidade. A evidente cumplicidade que o atelier exprime por este material, parece então justificada pela capacidade tridimensional subjacente a esta matéria. Esta ideia permite avançar a hipótese de que a dimensão “*textural*”, para além de um modo de conceber relações formais e construtivas, é igualmente um sistema que estabelece relações nas três dimensões do espaço. O betão torna-se, assim, um factor de equilíbrio e coerência, permitindo uma continuidade formal e plástica entre as partes do edifício.

Percebemos que para giuliani.hönger a harmonia ditada pelo material é acompanhada pela noção de transcendência introduzida por Louis Kahn. Quando adicionada a questão da simbologia, o betão torna-se parte integrante de um sistema construtivo e ao mesmo tempo parte de um sistema que estabelece a ordem no espaço.

Da problemática estabelecida pelo atelier identificam-se noções com alicerces na tradição moderna que nos permitem avançar a hipótese do modernismo como um *projecto (inacabado/aberto)* que ainda hoje tem influência no modo de fazer arquitectura. Num período marcado por uma heterogeneidade de aproximações, percebemos que o repto lançado pelo atelier se prende, numa primeira instância, com a avaliação da herança do movimento moderno para a definição do estado presente da arquitectura. O significado deste desígnio não é o de uma experiência estética anacrónica, nem a de uma transposição dos arquétipos. A analogia que se estabelece relaciona-se com a postura/atitude perante o problema arquitectónico.

O exercício proposto pelo atelier constitui, inevitavelmente, uma forma de reinterpretação dessas premissas, sem com isso perder a circunstância que inspira a uma nova condição. A materialização das ideias procura representar a realidade complexa e ao mesmo tempo demonstrar um sentido de vanguarda pelo conteúdo arquitectónico: espaço, sensação, e pensamento.

A experimentação através da inovação dita que “*a história pré-determina o presente, que o presente transforma a nossa percepção sobre o passado, e que nenhuma forma de arte*

alcança significado em isolamento desta transferência". (T.S.Eliot) É a partir da inovação que nos é permitido interpretar a tradição na sua dimensão intemporal e múltipla em significados. A ideia de tradição como uma *herança que informa o presente* (Igor Stravinsky) só existe se encerrar em si mesma inovação: ela é ao mesmo tempo *"o velho e o novo, o fim e o começo, a raiz e a flor"*. (Eugénio de Andrade)

Neste sentido, o método de trabalho do atelier conduz-nos a uma interpretação da disciplina da arquitectura como uma prática/experiência artística.

O exercício do projecto estabelece-se como oportunidade de confronto entre os temas que orbitam entre a prática disciplinar e a subjetividade individual, e que, sozinhos ou em conjunto, estruturam e dão sentido às representações. O atelier manifesta, em última instância, uma *"declaração de intenções"* (R.Moneo); uma contínua reflexão sobre as questões, que enquanto arquitectos, preocupam os seus mentores.

Perante a diversidade dos materiais que se apresentam à construção da arquitectura, o desenho surge como a ferramenta que define as *"múltiplas sobreposições e transparências da realidade construída ou imaginada."* (M.Mendes) Com um contributo semelhante posicionam-se as disciplinas da História e Teoria da Arquitectura, que se estabelecem como ferramentas absolutamente decisivas.

"Tendo ainda presente que o fim deste processo é o de um sistema aberto" (A.Carneiro) que explora a condição transdisciplinar do projecto, *criação, pensamento e conhecimento* estabelecem-se como *"estações obrigatórias da prática da disciplina."* (?) Sem estabelecer uma ideologia abstracta e de contributo formal, ensina-se a investigar e a disciplinar, por via do desenho, a arbitrariedade que caracteriza o processo criativo. O desenvolvimento do exercício tem esse deslumbramento: fragmentos, metáforas, memórias e intenções moldadas até ao ponto em que tudo se torna uniforme.